

14/9/99 Pg. 44  
85

QUESTÃO PESSOAL

# Marcus não terá Inpa, garante Artur

**O MINISTRO SARDENBERG NÃO VAI COMPRAR A BRIGA PARA FAZER DE MARCUS BARROS O NOVO DIRETOR DO INPA, DIZ O LÍDER DO GOVERNO NO CONGRESSO, DEPUTADO ARTUR NETO**

O líder do Governo no Congresso Nacional, deputado Artur Neto (PSDB), descartou qualquer possibilidade do ex-reitor da Universidade do Amazonas, Marcus Barros, ser nomeado diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). "Ele não será nomeado. Agora isso é uma questão minha e não acredito que o ministro Sardenberg (Ronaldo, ministro da Ciência e Tecnologia) queira comprar essa briga comigo e com o presidente da poderosa Comissão do Orçamento, o senador Mestrinho (Gilberto)", disse, enfático, Artur ao participar sábado do programa de debates Canal 10 Entrevista, da TV Manaus.

Artur disse que tem amizade com Marcus Barros, o ajudado quando era prefeito de Manaus e ele reitor da UA, mas não aceita o "jogo que está sendo armado" em torno de sua nomeação. "É louvável que ele renuncie a sua militância petista para assumir esse cargo de quarto escalão, mas existem dois óbices que precisavam ser retirados: o governador Amazonense Mendes acha que não é pedagógico entregar um cargo de confiança a um adversário e o senador Mestrinho continua magoado



**PRESTÍGIO** O deputado Artur Neto (à direita) em conversa com o presidente Fernando Henrique Cardoso

com a campanha dele para senador no ano passado", conta Artur. "Tentei negociar isso com o senador Mestrinho e o governador, mas essa política de peituação que vem da Adua (Associação dos Docentes da Universidade do Amazonas) não contribuiu em nada", completou, irritado, referindo-se à carta aberta divulgada pela associação criticando a postura dele e de Mestrinho.

Questionado sobre a legitimidade de ingerências políticas sobre uma escolha que foi objeto de consulta nacional por parte de uma comissão de notáveis criada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Artur disse que já havia alertado o ex-ministro Bresser Pereira sobre a situação desconfortável em que essa metodologia

colocaria o Governo, mas não foi ouvido. "Ele, politicamente fez algumas coisas que não deveria e agora temos de resolver essa questão", disse Artur, criticando Bresser.

**O ESCOLHIDO**

Para Artur, a escolha do novo diretor do Inpa deverá sair, no máximo, em duas semanas e o nome do escolhido está sendo objeto de consulta atualmente. "Temos de resolver logo essa questão, pois o Inpa não pode ficar vivendo esse clima em que correntes políticas usam o caso para tentar desgastar o Governo e os parlamentares do Estado", afirmou.

Para evitar o desgaste, o MCT está buscando um nome de grande repercussão junto a comunidade científica e que não sofra qualquer

tipo de rejeição por parte dos pesquisadores do Inpa.

Entre os nomes comentados até agora está o do ex-secretário de Ciência e Tecnologia do Governo José Sarney (1985-1990), Paulo Nogueira Neto. Ele é o favorito do momento, mas pesa contra sua indicação o fato de ser muito idoso (tem 70 anos) e ao que parece não tem interesse de vir morar em Manaus.

O número 2 da lista é o do físico, ex-reitor da Universidade de São Paulo e ex-ministro da Ciência e Tecnologia do Governo Fernando Collor (1990-1993), José Goldenberg. A dificuldade para sua nomeação é convencê-lo a aceitar um cargo de quarto escalão após ter ocupado os mais altos cargos da área científica.

## Preferência em ofício

A interferência política na nomeação do diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) começou muito antes de o Ministério da Ciência e Tecnologia publicar o edital abrindo o concurso nacional com base no curriculum vitae e no programa de trabalho dos candidatos. A CRÍTICA teve acesso a documentos que deixam claro a preferência do senador Gilberto Mestrinho pelo nome do atual vice-diretor do Inpa, Wanderli Pedro Tadei, para dirigir a instituição. Tadei não figura nas duas listas triplíes elaboradas pelos pesquisadores, resultado da eleição interna com a comunidade nem na da comissão de alto nível do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Antes mesmo de iniciar o processo de seleção em nível nacional, o senador Gilberto Mestrinho enviou um ofício (OF/GSGM/Nº051/99) ao ministro da Ciência e Tecnologia dizendo-se preocupado com a direção do instituto, pois queria um profissional competente e com liderança para conduzir o Inpa. Nessa data, Marcus Barros já havia sido eleito pela comunidade científica de várias instituições e do próprio Inpa.

O ministro interino, Carlos Américo Pacheco, responde ao senador (OFÍCIO/MCT Nº 100/99) explicando o processo pelo qual o ministério iria fazer o recrutamento e seleção do futuro diretor. O fato suspeito mas revelador

sobre os interesses na direção do Inpa está no último parágrafo do documento ministerial. "...solicito transmitir ao senhor Wanderli Pedro Tadei que informações sobre o processo de recrutamento e seleção estarão disponíveis no site deste ministério a partir da próxima semana", afirma Pacheco. Fica claro que Tadei tentou se antecipar, via Gilberto Mestrinho, ao processo de seleção.

Mas a constatação comprometedora da influência a favor de Wanderli Tadei está no relatório do professor Warwick Estevan Kerr, membro da comissão de notáveis. Em sua avaliação ele diz que Marcus Barros foi o mais seguro e teve a aceitação dos pesquisadores do Inpa. A segunda mais aplaudida foi a doutora Maria Lúcia Absy "mas o Dr. Paulo Egler (observador do MCT) acho mesmo que ela deveria ir para o quarto lugar e colocar o Dr. Wanderli Tadei na lista triplíce", relata Warwick Kerr. As notas desse avaliador foram 70 para Marcus Barros, 12 para Maria Lúcia Absy, 10 para Tadei e 8 para Cláudio Ruy Vasconcelos. A lista final apresentada pela comissão ao ministro Bresser Pereira excluiu o nome de Wanderli Tadei.

Procurado para falar sobre a sua amizade com o senador Gilberto Mestrinho e a suposta indicação "apadrinhada", o vice-diretor do Inpa recusou-se a falar do assunto.

## ENTREVISTA/MARCUS BARROS

# Candidato usa a Internet em caso de rejeição

Sentindo-se como se tivesse sido "barrado do baile" apesar de não ser um penetra, o professor e pesquisador Marcus Barros ainda acredita no processo democrático capaz de o levar à direção do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Mesmo sendo aprovado em concurso nacional e o primeiro da lista triplíce apresentada pelos membros da comissão de notáveis do Ministério da Ciência e Tecnologia, a nomeação de Barros foi vetada pelo senador Gilberto Mestrinho e pelo

líder do Governo no Congresso Nacional, deputado Artur Virgílio Neto, pelo fato de pertencer ao Partido dos Trabalhadores, adversário político do Governo. Em entrevista a A CRÍTICA, Marcus Barros diz que não vai se aproveitar politicamente do fato com uma candidatura à Prefeitura de Manaus mas se o seu nome for definitivamente rejeitado a interferência política na sua nomeação será divulgada com detalhes na rede mundial de computadores - a Internet.

## "EU ACHO QUE A COMUNIDADE NÃO VAI GOSTAR NÃO"

**A CRÍTICA** - Qual a avaliação que o senhor faz sobre a ingerência política na sua nomeação para o Inpa?

**Marcus Barros** - Me parece que está havendo uma outra força fora daquelas que caracterizaram o concurso. Eu fui convidado e cumpri todas as etapas exigidas. Como fosse uma partida de futebol me disseram que havia dois tempos. Eu já estou no quarto tempo mas parece que há um tempo político. Não li nem vi nada sobre as justificativas do senador por eu pertencer ao Partido dos Trabalhadores. O PT é o meu outro lado, o do cidadão. Eu estou falando do meu lado gestor de Ciência e Tecnologia na qual eu fui submetido a uma banca nacional, de referências nacionais; refiro-me a uma portaria e um edital de um ministro que fez um comitê de buscas, avaliou os candidatos e me escolheu por mérito. Eu fui convidado, não me ofereci para o cargo. Então isso não pode ser estratégia de um partido.

**AC** - Em qual momento o senhor sentiu que poderia haver a interferência?

**MB** - A meu ver essa influência não ocorreu na administração do ministro Bresser Pereira. Ele não foi ouvir ninguém e optou pela meritocracia. Quem tem mérito, leva. Eu não conheço o processo, mas há indícios que quando o Bresser caiu alguém chegou e disse: mudou o ministro, nós queremos reavaliar o que o anterior fez. Aí foi quando houve o ingrediente, a variável política.

**AC** - O senhor ainda acredita que essa situação consiga se reverter e a sua nomeação seja de fato oficializada?

**MB** - Eu sou obrigado a esperar

por essa decisão porque todos os passos foram dados por mérito. Agora, se há alguém mais poderoso que a democracia e faz valer o seu pensamento pessoal contra todo um processo que já dura há mais de um ano; se há mais poder nisso aí...

**AC** - O que o senhor pretende fazer caso não seja o escolhido?

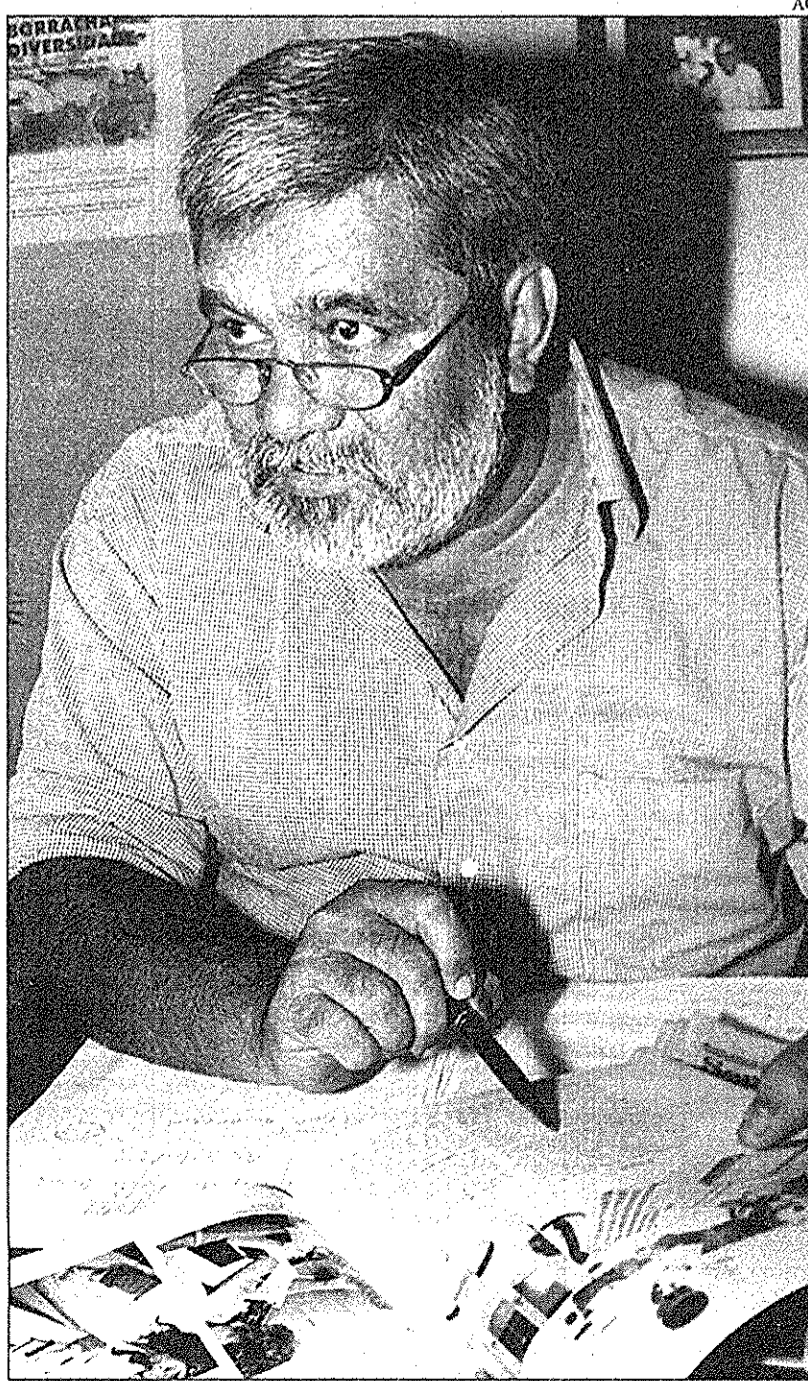
**MB** - Ninguém é obrigado a nomear alguém. Ninguém pode fazer uma injunção jurídica e obrigar o ministro da Ciência e Tecnologia a nomear o Marcus Barros. Eu tenho dúvida se ele pode nomear outro.

**AC** - E se o ministro Ronaldo Sardenberg nomear o pesquisador Wanderli Tadei, o nome que supostamente é o indicado do senador Gilberto Mestrinho, o senhor vai ficar calado?

**MB** - Eu nunca fico calado. Eu vou dizer tudo o que estou dizendo a você para a população do Brasil e do mundo através da rede mundial de computadores (Internet). O constrangimento é tanto que eu preciso pensar um pouco. Agora se a indicação do outro pesquisador se confirmar, ele que não passou na eleição nem no concurso, portanto sem mérito para dirigir a instituição segundo o próprio comitê de busca, eu acho que a comunidade não vai gostar não.

**AC** - Pessoalmente, como o senhor está nessa expectativa do resultado?

**MB** - Eu estou trabalhando normalmente, cuidando dos meus doentes, das minhas pesquisas. A vida continuou. Parece que eu fui barrado do baile mas ainda estão verificando lá no salão se realmente eu tinha credenciais para entrar na festa. Convidaram-me,



**DISPOSIÇÃO** Pesquisador diz que queria ir para sua "praia", o Inpa

mas um leão-de-chácara chegou e com a sua força tentou me pôr para fora. Eles estão verificando se eu tenho acesso a esse baile. Eu não tenho estrutura física nem história de vida para bater em leão-de-chácara.

**AC** - Mas na sua história de vida o senhor já tentou entrar em alguns bailes e o barraram como na campanha para o Senado no ano passado. O senhor votou na capital e nos principais colégios eleitorais do Estado e acordou derrotado para o senador Gilberto Mestrinho. Como o senhor explica isso?

**MB** - A oposição está acostumada a sofrer percalços, obstruções, a maioria delas injustas, mas isso faz parte do processo. O mérito deveria ser neutro nesse embate.

**AC** - Um dos avaliadores, o professor Warwick Kerr, foi na Universidade do Amazonas verificar se o senhor tinha dado preferência a grupos ligados ao PT quando era reitor. Ele não encontrou nenhuma atitude de favorecimento e recomendou a sua nomeação. Realmente foi isso que aconteceu?

**MB** - O próprio deputado Artur Neto, que era prefeito na época e tinha sido meu opositor na campanha para o Governo em 1986 e o senador Gilberto Mestrinho era governador quando eu estava da universidade, tínhamos uma relacionamento no plano institucional o mais ético possível, apesar de sermos opositores ideologicamente. Por isso me choca que hoje influencie a minha posição política e parece que eu me tornei uma pessoa perigosa de quando eu dirigi a universidade para cá.

**AC** - O senhor teve uma grande votação para o Senado no ano passado e os mais

de 300 mil votos lhe esse dão respaldo. O senhor não vai tirar proveito político desse voto e se candidatar ao Instituto de Manaus?

**MB** - Eu queria ir dirigir o Inpa (diz o professor num tom quase infantil) porque essa é minha especialidade, essa é a minha "praia". Eu sou um pesquisador, por isso que quero ir para lá. Eu não armo um salto aqui para ganhar outro ali. A vertente oportunista não está no meu sangue. Eu sou claro, transparente, com uma ingenuidade até meio burra com os políticos podem pensar.

**AC** - Então, o senhor não é um político profissional?

**MB** - Eu nunca tive nenhum mandato, não sei por que ter medo de mim. Eu só perdi uma eleição para o Governo em 1986 e tive 16 mil votos. A outra foi no ano passado quando o partido (PT) me convocou a substituir a candidatura ao Senado porque a professora Marilene Corrêa ficou impossibilitada legalmente. Eu me candidatei, cumpri uma tarefa em três meses; acompanhei todo mundo, fiz discurso onde tinha que fazer, aí o povo veio e me deu 384 mil votos, a maior votação da cidade de Manaus em todos os pleitos da história política dessa cidade. Isso é importante mas eu estava cumprindo uma tarefa. Depois eu voltei ao meu canto para cuidar da minha vida, quando apareceu o pessoal do Inpa me convidando. Eu fiz novamente tudo o que era necessário, fui o escolhido nacionalmente e agora estou aqui esperando. Alguém me mandou um poema que é a essência do que eu penso: "A todos esses que aí estão atravancando o meu caminho, esses passarão, eu passarinho".